

Considerações finais

Anita Helena Schlesener

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SCHLESENER, AH. Considerações finais. In: *Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, pp. 179-182. ISBN 978-85-7798-234-9. Available from: doi: [10.7476/9788577982349.0007](https://doi.org/10.7476/9788577982349.0007). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/y3zhj/epub/Schlesener-9788577982349.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido deste livro, retomando pela enésima vez a leitura de Antonio Gramsci, tem dois objetivos principais: evidenciar a centralidade da política nas análises da realidade social e mostrar como a educação perpassa os *Cadernos do Cárcere* no sentido de esclarecer as classes subalternas com o objetivo de possibilitar a elaboração de um projeto alternativo de sociedade. A cada nova leitura do *Cadernos* fica mais claro para nós que Gramsci não abandonou o propósito da época de militância política de formar a classe trabalhadora para um processo revolucionário.

Para explicitar esta nossa posição, articulamos três conceitos fundamentais na leitura de Gramsci, que são: hegemonia, ideologia e linguagem, a fim de explicitar as noções de educação e de cultura. Ao longo de nosso escrito tentamos desfazer alguns mitos que se apresentam quando se trata da educação escolar, isso porque ela trabalha principalmente com a questão da ideologia e da linguagem. Um desses mitos é sobre o que é um discurso verdadeiro ou o que é a verdade. Se vivemos um movimento permanente e contraditório de relações de força a partir de uma situação histórica profundamente dividida, não existem verdades eternas, mas existe uma verdade universal que é esta: tudo é histórico. E, se a sociedade é profundamente cindida, é verdadeira a posição que admite ser de parte, ou seja, que explicita as contradições colocando-se no movimento de contradições.

Desta perspectiva, renova-se o significado de hegemonia, porque também esse conceito precisa ser entendido no contexto das relações de força, ou seja, muda conforme a perspectiva da qual o abordamos: tem um significado para o liberalismo e outro para Gramsci, que entendia existir ainda a possibilidade de subversão da praxis. Explicitar esse contexto e estas perspectivas a partir da leitura de Gramsci significa querer contribuir para entender os modos como o seu pensamento foi apropriado parcialmente pelos liberais e reformistas, assim como pelos *subaltern studies*. O leque pode ser ampliado na medida em que os *Cadernos do Cárcere* tomaram o mundo em diversas traduções. E um escrito, depois de publicado, foge das mãos do autor e, sendo a linguagem metafórica, abre a possibilidade de múltiplas interpretações.

Tivemos o cuidado de não falar em “uso ou abuso” de interpretação do texto, porque entendemos que uma interpretação parcial não é feita de “má fé”, mas é feita, em geral, por desconhecimento do texto original completo, o que acontece muito no Brasil. A instrumentalização do pensamento de Gramsci ocorreu a partir da urgência em resolver problemas práticos sem considerar que a teoria exige tempo e paciência para a sua assimilação; teve como causa, ainda, o fato de se omitir ou de se relegar a segundo plano a articulação que Gramsci efetua entre política e cultura e a abordagem em separado destas duas instâncias altera profundamente o conteúdo do pensamento do autor. Devemos ainda acentuar que boa parte de seus escritos pré-carcerários são desconhecidos no Brasil.

Outro fator que possibilitou uma assimilação equivocada de conceitos foi o próprio caráter inacabado e problematizador de seus escritos, gerando a possibilidade de uma leitura parcial. Acrescente-se ainda que a inserção de Gramsci no Brasil se fez pela primeira edição italiana realizada por Togliatti, que se apresenta já como uma primeira interpretação dos escritos carcerários, na vertente da socialdemocracia, fator facilitador para uma leitura liberal e reformista de Gramsci. Como depositário da herança literária e política de Gramsci, herança legada ao Partido Comunista Italiano, Togliatti aceitava a linha staliniana e sua preparação da primeira publicação dos Cadernos fez-se ressentir deste posicionamento.

As dificuldades de leitura e interpretação podem ser explicadas até pelo texto de Gramsci, que acentua ser uma das características das classes subalternas o não ter organicidade em sua concepção de mundo e desconhecer os instrumentos necessários para elaborar um pensamento crítico a fim de construir um projeto alternativo de sociedade, ficam sempre a mercê dos intelectuais e de suas formas de subordinação. Os mitos de neutralidade do saber e do Estado entendido apenas como aparato governativo permitem que o exercício do poder pelas classes dominantes, seja potencializado por meio da ideologia e da linguagem, com novas dimensões a partir da inserção de novos mecanismos tecnológicos de comunicação de massa.

Essas formas de dominação que passam pela formação do consentimento, de um modo de pensar homogêneo e da própria formação da subjetividade moderna é que chamamos aqui de grilhões invisíveis com os quais precisamos romper para construir uma nova ordem social e política. É esse modo de ser que se produziu em séculos de dominação capitalista, que se amplia com novas formas de expropriação das classes trabalhadoras, com a aquiescência de sindicatos cooptados e de partidos que não

conseguem superar os limites da estrutura parlamentar burguesa, que precisa ser rompida.

A necessidade de compreender este conjunto de articulações que formam uma nova concepção de mundo é que evidencia a importância da educação em geral e da educação escolar em particular para as classes trabalhadoras. A escola é um espaço privilegiado para iniciar a romper esses grilhões ideológicos que nos prendem e nos fazem acreditar que a dominação é natural, que a desigualdade existe porque os indivíduos têm capacidades diferentes e alguns vencem e outros perdem, porque vemos as relações sociais da perspectiva do positivismo ou do liberalismo. Ou seja, anos e anos de “histórias da carochinha” nos convenceram que o problema não é de luta de classes, mas de incapacidade individual, não é um problema de ordem social e política, mas de natureza. E há momentos em que a luta de classes se torna evidente no cotidiano (onde ela está sempre presente), nas ameaças de violência contra quem pensa diferente ou se veste de vermelho, na Babá que empurra o carrinho de bebês na manifestação de extrema direita (que nem se identifica como tal), etc. Temos que subverter esta prática e mostrar que a escravidão histórica continua em novas formas invisíveis de dominação, que agora passam pela formação de nossa subjetividade.

Se a dominação econômica se amplia com a sustentação da dominação ideológica, as lutas de classes precisam assumir o plano da representação recuperando a memória e a história das classes subalternas como base elementar da luta política. Pensamos que ela se caracteriza como a genialidade de Gramsci que, mesmo sem conhecer a teoria freudiana, parece avançar na compreensão das novas dimensões da dominação por meio da formação da subjetividade. De nossa perspectiva, é isso que torna tão importante a educação em geral e a educação escolar em particular para as classes trabalhadoras. A escola é um terreno privilegiado para as classes dominantes no sentido de preservar sua ideologia, suas experiências e sua leitura histórica para fazer com que as classes subalternas pensem e vivam conforme valores e interesses dominantes. Basta examinar o conteúdo dos manuais escolares para ver como se constroem as “mentiras eternas” (Brecht). Mas a escola é também um espaço de contradições, tanto suas quanto as trazidas do contexto social por seus alunos; conhecer e explicitar essas contradições é um caminho fértil para a elaboração de um novo saber sobre a nossa realidade histórica.

Auxiliar o discente a apropriar-se de uma nova metodologia de abordagem para compreender o real para além de suas aparências, para além

do imediatamente dado e que os pós-modernos entendem que se deve descrever; as bases da lógica formal são importantes, mas não suficientes para isso, servindo para uma abordagem inicial, mas a elaboração do conhecimento num contexto crítico exige que se identifiquem as contradições que permeiam o processo pelo qual se constituem o social, o político e o cultural, a fim de analisar as forças que atuam na história e nas quais estamos inseridos. Desmistificar ideias preconcebidas e consolidadas no senso comum, desnaturalizar o conhecimento, redefinir a própria política para superar a noção limitada de política de governo para entender a política como uma das instâncias da luta de classes, desmistificar a ideia positivista de objetividade fundada na inexistente ideia de neutralidade, são alguns dos objetivos para vencer os mitos que alimentam o nosso cotidiano.

Para o professor que se empenha nesta linha, é um trabalho de Sísifo, que não pode ser realizado sozinho, mas a partir da própria organização coletiva dos professores, enquanto intelectuais convencidos de seu trabalho junto às classes populares. Caso contrário, atua-se como Don Quixote, combatendo moinhos. Mesmo assim, trata-se de um trabalho muito gratificante quando começam a aparecer os resultados: entender que o real é processo e que conhecer significa atualizar permanentemente a compreensão das relações de forças no interior desse movimento transforma a visão do mundo; os olhos brilham quando o aluno entende que toda a formação social, nacional e internacional, é um conjunto de estruturas articuladas que precisamos conhecer para tomar nas mãos o nosso destino. Um destino que não é individual, mas que precisa ser coletivamente construído, ou seja, dedicado não a informar o discente sobre o desenvolvimento pontual da história passada, nem a identificar o erro nas palavras, mas sim dedicado a formá-lo culturalmente ensinando-o a elaborar criticamente o próprio pensamento a fim de integrar-se em movimentos de ação fazendo parte de uma “comunidade ideológica e cultural” (Q.1, p. 148). Pensamos que é neste sentido que a educação pode ser revolucionária ou, como dizia Gramsci, pode contribuir para subverter a praxis.